

A. HENRIQUE CABRITA

# OLHÃO

subsídios para o estudo  
das origens dos topónimos  
do concelho





## NOTA DE ABERTURA

*António Henrique Cabrita nasceu em Olhão a 20 de Dezembro de 1913. Depois de completar, com brilho, o curso secundário no Liceu de Faro, frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, não tendo concluído o curso por motivos alheios à sua vontade.*

*Desde muito cedo, porém, revelou uma decidida vocação para os problemas da linguagem sendo, sem sombra de dúvidas, um dos maiores vultos intelectuais olhanenses da sua geração. Mais: ele é o maior filólogo e etimologista que Olhão jamais terá produzido, pois desenvolvendo e aumentando os seus estudos e alargando as suas investigações, conseguiu conhecimentos profundos sobre a matéria, do que é claro exemplo o presente trabalho.*

*Considerado uma autoridade em assuntos filológicos, mesmo nos meios da especialidade, tem igualmente colaborado, há muitos anos, em vários jornais e revistas, por eles deixando espalhados inúmeros estudos ou simples «apontamentos», todos eles de real mérito e inegável valia. E, entre eles, não são dos menos valiosos os que dedicou ao tão característico e curioso «falar» do povo olhanense, dos mais ricos e originais que é possível encontrar nos povos de língua portuguesa e que ninguém, até hoje, estudou como António Henrique Cabrita o fez.*

*Sócio fundador da prestigiosa e prestímosa «Sociedade de Língua Portuguesa», que sucedeu à «Tertúlia da Recta-Pronúncia» (que também ajudou a fundar), outra faceta há na sua vida, hoje totalmente esquecida, e que merece ser devidamente realçada. Referimo-nos à sua actividade desportiva. Foi dos mais destacados nadadores algarvios de todos os tempos, campeão incontestado e incontestável do Algarve, nos primeiros anos da década de 30. E, importante pormenor da sua carreira desportiva, conseguiu aliar o útil ao agradável, pois as suas enormes faculdades de nadador permitiram-lhe arrancar aos perigos do mar muitas vidas, algumas delas em circunstâncias particularmente difíceis, factos a que toda a imprensa de então deu o merecido relevo, tendo por isso sido condecorado e louvado várias vezes.*

*Também nos meios filológicos e linguísticos tem António Henrique Cabrita sido alvo de algumas referências elogiosas que provam o mérito e o valor dos seus trabalhos, destacando-se, de entre elas, a que não há muito tempo lhe foi prestada pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, na palavra do ilustre catedrático Doutor Manuel de Paiva Boléo, professor de Filologia Portuguesa naquela Faculdade.*

*Trata-se de um olhanense que tem sabido honrar e dignificar a sua terra, quer no campo intelectual, quer como desportista.*

*Por isso a Câmara Municipal de Olhão lhe presta justa homenagem, ao fazer editar, com todo o gosto, o seu livro «OLHÃO — subsídios para o estudo das origens dos topónimos do concelho».*

#### A Câmara Municipal de Olhão

*À minha mulher e aos meus filhos, os meus melhores amigos;  
a todos os meus conterrâneos; e  
ao Povo das quatro freguesias do concelho de Olhão.*

## OLHÃO

Consubstanciado na pessoa de um Amigo, com quem dialogava e trocava impressões acerca do opúsculo «Toponímia Árábica no Algarve», do Dr. José Pedro Machado (e que, mais tarde, me facultou gentilmente os respectivos recortes), quis o acaso que tivessem chegado ao meu conhecimento, dois de uma série de artigos sobre a origem de vários topónimos algarvios, publicados, no «Correio do Sul», pelo Padre José Cabrita, nomeadamente, os relacionados com Olhão e suas freguesias, vindos a lume em 14-12-1972 e 11-1-1973.

Lidos com o maior interesse, e não menores cuidado e atenção, enfermam os ditos trabalhos, a meu ver, de algumas deficiências e incorrecções, que procurarei comentar e corrigir. E começarei, naturalmente, pelo que se refere a OLHÃO, por ser não só a sede do concelho, como também (e talvez precisamente por este facto) minha terra natal (e de onde, ao que supponho, o Padre Cabrita é igualmente natural).

Que fundamento tem o Padre José Cabrita para afirmar que, no português arcaico, o aumentativo de «olho» seria «olhon» ou «olhom»?

Na «Gramática da Língua Portuguesa», publicada, em 1540, por João de Barros (autor, igualmente, das «Décadas da Ásia», e geralmente considerado o primeiro e mais antigo trabalho do género editado sobre a nossa língua, pode ler-se, no capítulo respectivo, o seguinte:

### DO NOME AUMENTATIVO

«Esta maneira de «nome aumentativo» é contrária à de cima, porque ua diminui e outra acrescenta.

Destes nomes, Gregos e Latinos não tratam em suas Gramáticas por os não terem e casi todos terminam em «am» e «az», como «mulheram», «cavalam», «velhacaz», «ladravaz» e outros que sempre são ditos em desprezo e abatimento da pessoa a que os atribuímos».

Por seu turno, Augusto Moreno, em «Lições de Linguagem», vol. III, a págs. 160 e 161, ao responder a uma pergunta sobre diminutivos, ensina, designadamente no que concerne a «franginho» e a «pintainho», «que provieram, respectivamente, dos primitivos «frangam» (frângão) e «pintam» (pintão), e que a sua evolução deve ter sido:

«frangan» + inho — fraganinho — frangãinho — frangainho

Para «pintainho», prossegue Augusto Moreno, «conjectura-se também um primitivo «pintam», que daria igualmente

«pintam» + inho — pintaninho — pintãinho — pintainho

Estas citações, como se vê, contradizem, em absoluto, a opinião do Padre Cabrita.

Mas há mais: entre as características que diferenciam o português arcaico do português actual, encontro nos «Textos Medievais Portugueses», de Correia de Oliveira e de Saavedra Machado (e no tocante à terminação «-ão»), este passo bastante elucidativo e esclarecedor:

«Terminavam em «om» os nomes que hoje terminam em «-ão», depois de passarem pela forma em «-am» (o sublinhado é meu)...

...Mas a terminação «-ão» encontra-se já no português arcaico, como em «loução» («louçano»), «são» (sano), etc.»

Bem entendido, esta diferenciação não se refere especificamente aos nomes aumentativos (talvez nem mesmo a eles se aplique), mas aos substantivos em geral.

O Padre Cabrita sabe, sem dúvida melhor que eu, que no português arcaico ou medieval, ocorriam indistinta, alternada e paralelamente as terminações em «-on», «-om», «-am», «-an» e até «-ã», na grafia da mesma palavra: non, nom e nam (não); Joham, Joam, Joan e Joã (João); Stevam e Estevam (Estêvão); Fernan e Fernam (Fernão); deitaram (deitarão); sam (são); naçam (nação); dam (dão); galardam (galardão); coraçom e coraçam (coração); determinaçam (determinação); Brandam (Brandão); contradizçam (contradição); rrazam (razão); Plutam (Plutão); e tantas mais.

Por outro lado, parece existir (e digo parece, por, dele, não ter conhecimento directo) um documento, com data de 1378 (medieval, portanto), e que se julga ser a mais remota e antiga referência relativa a Olhão, no qual D. Fernando deu de foro uma courela de vinha e figueiral, situada num local designado «Olham», próximo de Faro.

Não quero deixar de referir aqui uma pergunta que me assaltou subitamente no decurso deste escrito: porque serão «olhanenses» os naturais de Olhão, e «portimonenses» os de Portimão? Certamente, por assim o determinar a origem, bem diferente e distinta, dos dois nomes. Enquanto «olhanense» deve ter por base o étimo «Olhan» ou «Olham», «portimonense» terá provindo necessariamente de «Portimon» ou Portimom», que, se não for a origem deste topónimo, será ou terá sido, pelo menos, uma fase por que passou ou terá passado até ter atingido a forma actual (o mesmo terá acontecido com «fundanense» (de Fundão); «damanense» (de Damão) «lourbanense» (de Lorvão); e com outros mais que, de momento, me escapam.

E, mudando de parágrafo, tratemos de outro aspecto do trabalho do Padre Cabrita também, e ainda, respeitante a Olhão.

Como prova da antiguidade que atribui à laboriosa e característica vila cubista, socorre-se o Padre Cabrita da frase atribuída a um olhanense, e citada por Ataíde de Oliveira, na sua «Monografia do Concelho de Olhão»: «aqui esmorrou o meu pai e o meu avô...»

Embora careça de elementos que me permitam aceitar ou refutar a opinião do Padre Cabrita quanto a este ponto — o da antiguidade de Olhão — a qual, aduz, «deve vir desde tempos imemoriais», o certo é nada provar, nesse aspecto, a citação da aludida frase.

Com efeito, a Igreja Matriz (ou Igreja Grande, como é conhecida), começou a ser construída no ano de 1698, e só foi aberta ao culto no princípio do século XVIII (entre, talvez, 1710 e 1720), e referindo-se, como é o caso, o autor da citada frase, às paredes do dito templo, a outra conclusão não podemos chegar senão à de que a ancestralidade de quem a proferiu não poderia, na ocasião (e quando muito), ir além de 1700, ano em que a Igreja ainda não se encontrava aberta ao culto, nem mesmo estaria completamente construída.

Apontadas o que me parecem falhas e deficiências, nada mais justo que, de igual modo, enalteça e exalte as virtudes que, indubitavelmente, ressaltam do trabalho do Padre José Cabrita.

O mérito maior das investigações a que procedeu está no facto de acreditar que o topónimo «Olhão» nada tem a ver com o substantivo comum aumentativo «olhão». A sua opinião vem abrir um novo capítulo sobre o problema, e fez despertar em mim uma ideia que, de longa data, se encontrava «adormecida» na minha mente.

Em boa verdade, nunca alinhei no número daqueles (e praticamente serão todos) que atribuem o nome de «Olhão» e um grande «olho» de água ou nascente existente na zona ou área da actual vila, «olho» de água, nascente, fonte ou poço que, na realidade, ninguém sabe, concretamente e de ciência certa, em que ponto se encontrava situado (querem-no uns a nascente da Estação do Caminho de Ferro, outros localizam-no, mais ou menos, no centro da actual Avenida da República, e alguns outros, de certo, noutra ou noutros locais). Tudo muito vago, muito incerto, como se observa.

Quem nos garante (sempre me acompanhou esta dúvida) que «Olhão», topónimo, e «olhão», substantivo, têm a mesma origem, e não são, pelo contrário, formas convergentes ou paralelas, provindas de étimos diferentes, tal como acontece com «rio» (do verbo «rir») e «rio» (curso de água); «são» (apócope de «santo»), «são» (saudável) e «são» (do verbo «ser»); e tantas mais?

Ora, o Padre Cabrita, ao filiar no árabe «al-Hayun» ou «al-Háin» a origem de «Olhão», veio trazer novo e importante contributo para o estudo e clarificação da questão. Faltam-me elementos que me permitam apreciar conveniente e devidamente o acerto ou desacerto da opinião do Padre Cabrita, não só por me

